

Conjuntura do Poder da República Paraguaia no Cenário Sul-Americano a partir de 1950 e seu Significado Regional

José Alexandre Gonçalves³³

Resumo

O presente trabalho tem como objetivo geral avaliar a conjuntura do poder da República paraguaia no cenário sul-americano a partir de 1950 e seu significado regional. O cerne do mesmo será pensar qual é a real posição desse Estado na balança de poder entre os países do Cone Sul da América. Nos últimos 60 anos o Paraguai foi governado por poucas personalidades que usando a mesma bandeira, a do Partido Colorado, buscaram uma maior aproximação com os seus dois maiores vizinhos – Brasil e Argentina. O resultado dessas políticas, além de outros fatores como a economia e o poder das forças armadas em conjunto com vários elementos importantes para a geopolítica regional, como a geografia, são os aspetos que motivam o trabalho e serão os objetos do nosso estudo.

Palavras-chave: América do Sul, Cone Sul, Paraguai, Partido Colorado.

Resumen

Este trabajo tiene como objetivo evaluar el poder económico general de la República del Paraguay en el escena Sudamericana desde 1950 y su importancia regional. El núcleo de este estará pensando cuál es la situación real de ese Estado en el equilibrio de poder entre los países del Cono Sur de América. En los últimos 60 años, Paraguay fue gobernado por pocas personalidades usando la misma bandera, el Partido Colorado, buscó vínculos más estrechos con sus dos vecinos más grandes - Brasil y Argentina. El resultado de estas políticas, y otros factores como la economía y el poderío militar, en relación con varios elementos importantes en la geopolítica regional, como la geografía, son los aspectos que motivan el trabajo y será el objeto de nuestro estudio.

Palabras clave: América del Sur, Cono Sur, Paraguay, Partido Colorado.

Introdução

Pensar estrategicamente o espaço geográfico é uma tarefa que exige muita dedicação. Esta tarefa quando proposta à análise de um Estado torna-se um grande desafio para quem se propõe a fazê-la. De maneira simplória a Geopolítica pode ser entendida como o estudo da influencia do ambiente (aspectos geográficos, recursos econômicos, forças sociais e culturais) sobre a política de uma nação ou sociedade. Com relação ao conceito acadêmico de Geopolítica, partilhamos da explicação dada por Meira Mattos, quando o mesmo afirma ser esta “um ramo da Ciência Política que se formou pela interação dinâmica de três ramos de conhecimento: a Geografia (espaço físico), a Política (aplicação do Poder, a arte de governar), e a História (experiência humana)”. (MATTOS, 2002, p. 29).

De acordo com alguns teóricos a Geopolítica é uma ciência; outros preferem chamá-la de

33 Graduado em Geografia, Professor da Rede Pública de Ensino do Paraná.

arte; ciência ou arte, o consenso é que esta consiste em fazer estratégias levando-se em conta a sua dimensão espacial; ou, pensar estrategicamente o espaço geográfico. No sistema internacional, isso em muito ajuda quando a proposta é entender as forças que afetam a política das nações, em especial a sua política externa.

“*Espaço é poder!*” foi a afirmação do geógrafo Friedrich Ratzel, considerado o pai da Geografia Humana no início do século XX. Esta máxima foi muito pronunciada pela Realpolitik³⁴ alemã na primeira metade deste mesmo século, para tentar justificar a ambição territorial dos Estados, principalmente a ambição territorial dos alemães. Citado por Meira Mattos, o sociólogo francês Maurice Duverger é outro que pronuncia uma frase parecida com a anterior e que também será um dos princípios do nosso trabalho: “*Política é poder*”.

O território (espaço), a política (governo) e o povo (nação, história) formarão o poder do Estado. Por esse motivo, o conceito de poder acaba por se revelar como fundamental para o debate nas relações internacionais. Conforme as idéias de Max Weber, o poder é sempre a capacidade de obrigar os outros a fazer o que você acha interessante; ou de acordo com a explicação de Nye, o poder é “*a capacidade de obter os resultados desejados e, se necessário, mudar o comportamento dos outros para obtê-los*” (NYE, 2002, p. 30). Esta capacidade de obter os resultados desejados será maior se tal indivíduo ou Estado tiver a posse de certos recursos (naturais ou culturais).

Este trabalho foi realizado visando avaliar o desenvolvimento da política do Paraguai a partir da segunda metade do século XX, e seu significado regional. No Paraguai se destaca uma forte centralização do poder, no que não se diferencia muito da história de seus vizinhos sul-americanos, marcada por regimes ditatoriais. Esse autoritarismo político foi e é muito criticado por alguns por causa das perseguições, dos abusos e da censura, mas também é defendido (pelos que por meio dela se beneficiaram) com argumento no desenvolvimento pelo qual passou o Estado nesse período.

O ano de 2008 foi muito importante para o povo paraguaio, que demonstrou nas eleições nacionais para presidente da república, seu descontentamento com a hegemonia do Partido Colorado durante décadas, e expressou sua vontade de mudança elegendo mais um presidente de esquerda na nova onda que varre a América do Sul. Fernando Lugo foi bispo da Igreja Católica e professor universitário, liderando movimentos sociais em favor da reforma agrária. Come este perfil, uniu a esquerda do país em torno da discussão sobre a soberania nacional e a “entrega” que os Colorados fizeram do seu país aos interesses de Brasil e Argentina, especialmente em relação aos acordos para a produção e venda da energia elétrica, respectivamente, nas usinas de Itaipu e

34 Realpolitik, corrente de pensamento que muito influenciou os líderes da Alemanha, da Unificação à Adolf Hitler. O realismo político alemão definiu os interesses do Estado e construiu o poder de os realizar ignorando o direito internacional, negando direitos às minorias e desmembrando outros Estados. (MOREIRA, 1999, p. 224).

Yacyretá. Os próximos anos com certeza serão de muita expectativa para os paraguaios e de incertezas para a comunidade sul-americana.

O objetivo deste artigo é avaliar essa mudança de conjuntura do poder na República do Paraguai, especialmente desde a década de 50 até a atual, e seu significado regional. Num primeiro momento, desenvolve-se a caracterização geográfica do Paraguai, para percebermos o potencial natural de que dispõe aquele Estado para projeção de poder. Em seguida, examina-se as expressões de poder político, econômico, militar e a projeção da nação paraguaia no contexto regional.

Caracterização Geográfica

Enquanto a Geopolítica é a ciência que examina o “Corpo do Estado” como ser dinâmico, para esse mesmo Corpo, porém, como organismo geográfico, se impõe a Fisiopolítica. Cabe a esta, no setor geográfico geral, observar a infra-estrutura territorial, colocando-a em confronto com as influências que exerce no Estado. (CASTRO, 1994, p. 7).

A República do Paraguai localiza-se na zona tropical do planeta, na porção sul do continente Americano. Com uma superfície de 406.752 Km², o Paraguai posiciona-se nas coordenadas 23° 00’S e 58° 00’W. Sua capital é a cidade de Assunção, maior cidade do país, localizada na margem esquerda do rio Paraguai, junto à foz do Pilcomayo, na fronteira com a Argentina.

O país faz parte da “sub-região” do Cone Sul, que além do território paraguaio, abrange Chile, Argentina, Bolívia e Brasil. Com seu território localizado estrategicamente no *Heartland* (coração) do cone sul da América, o Paraguai é um país continental, ficando a 1.200 km do mar em sua menor distância. Esta posição geoestratégica é importante do ponto de vista do poder regional. Segundo as idéias do inglês Halford Mackinder (1904), o poder terrestre estaria fundado no fato de que a geografia seria o *pivot* da história, sendo o *heartland* a área central ou coração da terra. Sua geoestratégia focava o domínio mundial, no qual hierarquizou os espaços e localizou o *heartland* da “ilha mundial” (a Eurásia) nas planícies centrais onde hoje é a Europa Oriental e parte da Rússia asiática. Segundo o autor, quem detivesse o controle desta área estratégica, dominaria o mundo. Mackinder influenciou muitos estrategistas das décadas seguintes, que passaram a identificar, em todos os continentes, essas áreas (*heartland*) consideradas *pivot* da história e fundamentais para a projeção regional de poder. No caso sul-americano, os territórios de Paraguai e Bolívia localizam-se no *heartland* do continente.

Núcleo central da grande bacia fluvial platina, o Paraguai é chamado de “mesopotâmia da América do Sul” (tem acesso aos rios Paraguai e Paraná). A vida desse país gira em torno dos numerosos rios que cortam seu território e são drenados para esses dois grandes rios principais. O

rio Paraná, que ao longo do seu curso é também chamado de rio da Prata, é a única via de acesso fluvial do país ao Oceano Atlântico, por onde chega parte das mercadorias que abastecem as zonas francas de comércio do país. Mas são Argentina e Uruguai os detentores da foz do rio Paraná (do Prata), dominada pelas cidades de Buenos Aires e Montevideu, com isto fazendo do Paraguai dependente de seus vizinhos.

A hidrografia é fator de extrema importância para a economia do país, seja no aproveitamento para a pesca, no transporte e, principalmente, na produção de energia. O tema “água” é o principal elemento geopolítico que vincula a República do Paraguai num contexto estratégico de interesse internacional. Além do enorme potencial hídrico de superfície, o Aquífero Guarani é o maior manancial de água doce subterrânea transfronteiriço do mundo, sendo que aproximadamente 59 mil km² (6% dos 1,2 milhões de km² de área total) localiza-se na fachada oriental paraguaia (planalto do Paraná)³⁵. Em um mundo onde as fontes de energia levam a contenciosos e conflitos entre os Estados, a água também vem se tornando um bem valioso, e neste aspecto a situação paraguaia é de relativo conforto. Relativo porque a posse desses recursos naturais, sem dúvida, desperta a cobiça de outros Estados, o que preocupa as autoridades locais, exigindo atenção e empenho na garantia da soberania nacional sobre tais recursos.

O relevo do Paraguai caracteriza-se por terrenos baixos (mais da metade do território está abaixo dos 150m de altitude), apresentado uma depressão interior. Esse é um aspecto importante, pois facilita a exploração da terra e a circulação interna. Porém, do ponto de vista geoestratégico, em caso de eventual agressão externa, também facilita ao deslocamento, deixando o país vulnerável especialmente em se tratando da defesa da capital Assunção, localizada na depressão do baixo Paraguai.

Com a vantagem de possuir um território em forma compacta, o local com melhores condições para ser a sede do governo federal e promover uma melhor integração territorial seria a cidade de *Concepción* (23°27'S; 58°30'W), também nas margens do rio Paraguai, porém no centro do país, ficando relativamente equidistante das fronteiras e favorecendo o aspecto da defesa da capital. Esta localização ainda favoreceria um crescimento demográfico e econômico mais equilibrado regionalmente, pela facilidade do intercâmbio comercial interno.

O subsolo paraguaio é, entretanto, pobre em minerais, ocorrendo ainda assim em uns poucos locais jazidas de ferro, manganês, cobre, feldspato, calcário, caulim, talco e sal. Nenhum tipo de combustível fóssil é explorado no Paraguai, o que torna o país dependente da importação destes recursos. O Paraguai é um país pobre em recursos minerais.

O rio Paraguai divide o país em duas regiões naturais: Oriental e Ocidental. Os dois

35 Disponível em <http://www.riosvivos.org.br/canal.php?canal=278>. Acessado em 10 de outubro de 2008.

“Paraguais” se diferenciam tanto pelo aspecto físico, quanto econômico e populacional. O Paraguai Oriental apresenta economia mais desenvolvida e diversificada graças à agricultura, que aproveita-se dos declives suaves e planícies férteis, e o extrativismo florestal do Cedro e da *ilex paraguayensis* (erva-mate).

Paraguai – Relevo.



Fonte: Graphicmaps [modificado pelo Autor].

O Paraguai Ocidental é a região de menor potencial natural e menor desenvolvimento econômico e populacional. Nesta região, ao longo do rio Paraguai são encontradas formações florestais de onde se extrai o quebracho; seguindo rumo a oeste surge uma região natural de transição, até se chegar à extensa região do Chaco, onde os cursos de água tornam-se escassos e a vegetação espinhenta devido à aridez do clima (apesar da aridez, o Chaco destaca-se pela riqueza faunística).

No sistema de transportes, de todos os países abrangidos pela Bacia do Prata, o Paraguai é aquele menos servido por rodovias e ferrovias. As estradas, em sua maioria, estão em péssimas condições, fazendo ainda dos rios a condição de artérias vitais para que a produção do interior possa acessar as rotas de comércio marítimo. A outra opção de acesso ao mar é a rodovia que liga Assunção ao porto de Paranaguá (BRA), com função de “corredor de exportação”, e uma estrada

de ferro que une a capital ao porto da cidade de *Encarnación* na fronteira com a Argentina. No setor aéreo, são 838 pistas de pouso³⁶, sendo 7 as que concentram o fluxo de aeronaves (aeroportos de Assunção, Cidade de Leste, Encarnação, Pedro Juan Caballero, Pilar, Mariscal Estigarribia e Filadélfia).

Tabela 1

Paraguai - Transportes	
Ferrovias	971 Km
Estradas	29.500 Km
Pavimentadas	2.803 Km
Vias fluviais	3.100 Km
Portos fluviais	Assunção, Villeta, San Antonio, Encarnacion
Aeroportos	10. Com pista pavimentada

Fonte: Cia/ Country List/ Paraguay.

Tendo como vizinhos Brasil, Argentina e Bolívia, o Paraguai tem três regiões de tríplice fronteira. A caracterização do elemento fronteira é fundamental no entendimento geopolítico, pois como afirma Meira Mattos (2002, p. 145), a fronteira é o limite da soberania nacional, sendo, portanto, área geopoliticamente sensível. O mesmo autor ainda relaciona guerras e fronteiras, afirmando que a maioria dos conflitos estão associados a questões de limites territoriais. De fato, o Paraguai em sua história já se envolveu em duas guerras contra seus vizinhos por questões fronteiriças.

Hoje, a região de tríplice fronteira mais sensível do Paraguai é aquela entre Brasil e Argentina. Com mais de 700 mil habitantes, esta área é polarizada por três cidades: Ciudad del Este (PY) com aproximadamente 320 mil habitantes, segunda maior cidade do Paraguai e terceira maior zona franca do mundo; Foz do Iguaçu (BRA) com 321 mil habitantes; e Puerto Iguazú (ARG) com aproximadamente 28 mil habitantes.

As fronteiras paraguaias apresentam um desenvolvimento longitudinal de 3.500 km, dos quais 2.800 km correspondem aos cursos de rios (Castro, 1960). Uma linha convencional de 750 km, indo de Bahia Negra a La Esperança, separa o Paraguai da Bolívia. A fronteira do país com a Argentina estende-se por 1.880 km, sendo delimitada pelos rios Pilcomayo, Paraguai e Paraná. E a fronteira com o Brasil totaliza 1.365 km, e se dá pelos cursos dos rios Apa, Paraguai e Paraná, e também pelos divisores de água das serras de Amambái e Maracaju (essa área de fronteira seca faz o limite do Paraguai com o estado do Mato Grosso do Sul).

A borda fronteiriça de uma nação é usualmente uma área de influência externa,

36 Muitas pistas de pouso localizam-se em meio à floresta, servindo ao contrabando.

principalmente devido aos fluxos de migração populacional. Entretanto, a vizinha Bolívia exerce pouca ou quase nula influência sobre o Paraguai; situação muito diferente é quando se analisa a projeção de poder de Brasil e Argentina, quando se verifica a forte influência que esses dois vizinhos exercem sobre o Paraguai. Tanto que, mesmo o progresso obtido pelo Paraguai nos últimos cinquenta anos, teve em muito a participação desses dois países, como nos exemplifica Castro (1994, p. 334):

Até os anos 60 a Bacia do Prata se apresentou dentro do dinâmico eixo Norte-Sul, que, com a atração em face do determinismo, induzia os países interiorizados - Bolívia e Paraguai, a depender da Argentina e do Uruguai, detentores da foz para as suas saídas diretas rumo Atlântico. Dentro porém do enfoque geopolítico de que a chave de controle da bacia se encontrava no Paraguai, tornou-se possível a implantação do eixo transversal de saída dos dois países também pela costa brasileira. Eixo que se positivou tendo em vista que das sete fronteiras binacionais coexistentes no âmbito da Bacia do Prata, o Brasil, tal como a Argentina, se envolve em quatro delas, marcando, pois, os dois países, sua presença constante nessa sub-região do Cone-Sul.

Desde o advento do Mercosul, há também uma forte pressão diplomática de Brasil e Argentina sobre o Paraguai para que esse país resolva seus problemas internos, como a questão do crime organizado, o narcotráfico, o comércio ilegal de armas, medicamentos e outros produtos que acabam entrando em seus países, tendo o Paraguai como base. Assim, a zona fronteira com o Paraguai vem recebendo uma atenção redobrada por parte do governo brasileiro e argentino.

Por outro lado, a forte presença de agricultores brasileiros - os “brasiguaios” -, povoando as terras férteis do planalto oriental do Paraguai, gera constantes reclames e conflitos por parte da população local e dos movimentos sociais ligados à questão agrária³⁷. Por esses e outros motivos, pode-se caracterizar a região de fronteira do Paraguai com o Brasil também como uma zona de fricção, ou seja, muito sensível e constantemente monitorada, que pode estimar ações ou reações necessárias.

Percebe-se, portanto, nas fronteiras paraguaias duas funções: num caso visa aproximar, e no outro separar. Hoje, os limites estabelecidos por cursos fluviais usualmente destacam-se por aproximar os países; e, por serem permanentes, servindo de áreas de concentração da circulação. Neste caso destaca-se o aproveitamento do potencial hídrico do rio Paraná e a intensa ocupação populacional nos territórios limites dos três países. Mas no passado, os limites permanentes definidos pelos rios Paraná, Paraguai e Pilcomayo, estabeleceram uma fronteira antropológica que

37 Cita-se o Movimento Popular Tekojoja que se inspira nos ideais socialistas e defende a recuperação da soberania nacional. Neste movimento acendeu a figura política do Bispo Fernando Lugo, que se elegeu presidente com a promessa de reforma agrária. E desde então, os conflitos por terra envolvendo ataques a brasileiros se ampliaram significativamente.

isolou os guaranis e mestiços na região mesopotâmica, o que fortaleceu e manteve os traços culturais que diferenciam o nativo paraguaio, dos brasileiros e dos argentinos.

A fronteira como separação ocorre como linha artificial, limite que separa Paraguai e Bolívia na região vazia (desabitada) conhecida como Chaco. Este limite já foi considerado de "Jure", quando em 1939 foram colocados, pela extinta Liga das Nações, os marcos separando os dois países (depois da Guerra do Chaco - 1932 a 1935 -, na qual o Paraguai conquistou três quartos da área em disputa). A região do Chaco, planície entre três países (Paraguai, Bolívia e Argentina), é considerada aberta (sem obstáculos), portanto, caracterizada de dispersão da circulação; além disto é um anecúmeno, tida na atualidade como fronteira morta.

Esse foi um esboço da tendência da República do Paraguai em face as suas condições geográficas, a sua forma, posição e as linhas periféricas do território, elementos básicos dos estudos geopolíticos. Na sequência, passa-se a averiguar, em síntese, o poder da nação paraguaia, expressa em três campos: político, econômico e militar.

Breves Considerações Sobre Política, Economia e Forças Armadas do Paraguai

O Paraguai é uma república presidencialista, onde o presidente é, ao mesmo tempo, chefe de Estado e de Governo. A constituição promulgada em 20 de agosto de 1992 estabelece que o país é uma república baseada na democracia e na divisão dos poderes. O chefe de estado e de governo é o presidente Fernando Lugo, tendo como vice-presidente, Frederico Franco.

O breve relato da política paraguaia a seguir limita-se a alguns fatos que marcaram a segunda metade do século XX, fase que os paraguaios chamam de “a segunda era do Coloradismo”. No Paraguai, os atores políticos emergem de duas fontes que se tornaram os pilares da vida pública do país: as forças armadas, com seus oficiais do alto escalão; e o Partido Colorado, representado por uma “oligarquia” que se reveza na direção da organização. O Partido Colorado, é sem dúvida, uma das organizações políticas mais poderosas da América Latina, pois permaneceu no poder ininterruptamente por mais de 60 anos.

A fase do coloradismo se inicia a partir da instabilidade política dos anos de 1947/48, que provocara sucessivas mudanças de presidentes, quando enfim, em 1949, assume o colorado Federico Chávez. Em 1954, através de um golpe de estado chega ao poder uma das personalidades que mais marcaram a história do país: o Comandante chefe das Forças Armadas, General Alfredo Stroessner. Como candidato do Partido Colorado, o general é eleito presidente naquele mesmo ano, e se mantém no poder por 35 anos através de um regime ditatorial.

Durante a primeira década do governo Stroessner ocorre a expansão do país para o leste, que se inicia em 1957 com a fundação de Puerto Presidente Stroessner, hoje Ciudad del Este. Neste período, são criadas importantes estatais: Corporação de Obras Sanitárias (Corposana), Banco Nacional de Fomento (BNF), Refinaria Paraguaia S.A. (Repsa), Instituto de Bem Estar Rural (IBR), entre outras. O país recebe importantes créditos do exterior que permite a expansão das vias de transporte e a construção de pontes internacionais (Ponte da Amizade e Remanso Castillo)³⁸.

As críticas sobre a corrupção no governo e sobre a própria índole do presidente se acumulam. O professor paraguaio Aníbal Miranda, autor do livro *“Los dueños de grandes fortunas”*, deixa claro que, uma vez incrustado no poder, Stroessner foi criando seu império pessoal, baseado no controle do exército, no contrabando e mercado negro.

Em 1973 é firmado com o Brasil o Tratado de Itaipu, e alguns anos depois, com a Argentina o Tratado de Yacyretá, ambos para a construção de centrais hidrelétricas sobre o rio Paraná. Os benefícios para a nação paraguaia eram escassos em comparação ao usufruto dos parceiros, principalmente em relação ao preço a ser pago pela energia paraguaia gerada (a maior parte excedente), que seria muito baixo e se manteria fixo por 50 anos. Para assegurar que Stroessner e seu grupo aprovassem tais condições, Miranda (2000, p. 96-97) cita que o governo brasileiro dispendeu aproximadamente US\$ 150 milhões à época. Ainda assim, é evidente que nas décadas de 70 e 80 a economia paraguaia passou por um notável crescimento: “De 1976 a 1981 o PIB registrou um aumento de 10% por média anual, o mais alto da América Latina” (Miranda, 2000, p. 100).

Por conta desse histórico de corrupção, o Paraguai é considerado no exterior como “paraíso da delinquência”, onde leis são meras “formalidades”. Isso porque o crime organizado disseminou por toda a sociedade e, conforme nos explica Roder (2004), contaminou todo o aparato estatal, dos mais baixos aos mais altos escalões do poder. A contaminação do poder político paraguaio pela máfia se fortalece no período da ditadura de Stroessner, acompanhando ao crescimento das atividades informais e ao comércio ilícito; e através da utilização de cargos públicos para fins privados (o clientelismo) e da corrupção. Para Miranda (2000), entre os envolvidos no contrabando (chefes do tráfico, empresários falsificadores no ramo do tabaco, etc.) estariam membros do alto escalão do governo e das forças armadas: Alfredo Stroessner, Gustavo Stroessner, Andrés Rodríguez (presidente entre 1989-92), Juan Carlos Wasmosy (presidente entre 1993-96), Lino César Oviedo (presenciável), Raul Cubas (presidente entre 1998-99), Luis Gonzalez Macchi (assume o governo provisório em 1999), Juan Carlos Calaverna, Euclides Acevedo, etc., todos representantes do partido Colorado.

O plano de Alfredo Stroessner era fazer seu sucessor o filho Gustavo, porém, em fevereiro de 1989, o general Andrés Rodríguez encabeça um golpe militar, derrubando o regime de Stroessner

³⁸ Disponível em <http://www.presidencia.gov.py/Historia.html>. Acessado em 15 de dezembro de 2008.

e abrindo a transição “democrática” do país, sob a direção, é claro, do Partido Colorado. Nas duas décadas desde a deposição do general Stroessner (que morreu aos 93 anos em seu exílio em Brasília, em 2006) foram condenados dois ex-presidentes por corrupção e fraude; ocorreu o assassinato de um vice-presidente e ainda dois outros golpes de estado (um “bem-sucedido”, outro, nem tanto).

Depois do *impeachment* do governo anterior, Nicanor Duarte Frutos toma posse em 2003. Dentre as suas ações no governo, ganha repercussão internacional o “acordo de cooperação militar” com os Estados Unidos, que resultou na instalação de uma base militar norte-americana na região do Chaco, próximo da tríplice fronteira entre Paraguai, Bolívia e Brasil. Esse acordo gerou muitas especulações sobre as reais razões da presença do exército norte-americano em território paraguaio. Duarte Frutos ainda buscou garantir a vitória da candidata colorada nas eleições de 2008, mas quem venceu foi Fernando Lugo, representante da esquerda. Acabava a longa trajetória de hegemonia política do Partido Colorado (a “segunda era do coloradismo”), que desde 1947 comandava o país.

No campo econômico, o Paraguai experimentou também dificuldades durante toda a sua história. O economista Adam Smith, no século XVIII, afirmava que a geografia é um fator básico do sucesso econômico de uma nação. E recentemente, o Programa de Desenvolvimento da Organização das Nações Unidas (PNUD) reafirmou a tese do ilustre economista, observando que, com exceção de algumas nações da Europa Ocidental, quase todos os países sem acesso ao mar são pobres. O Paraguai não foge a essa regra; ainda que possua uma pequena população que não ultrapassa os sete milhões de habitantes.

O Produto Interno Bruto (PIB) do país somou US\$ 26,7 bilhões (2007), entre os mais baixos da América Latina, constituído de 21,9% do setor primário, 18,7% do setor industrial e 59,4% do setor de serviços. A força de trabalho soma 2,7 milhões de pessoas, distribuídas em 31% na agricultura; 17% na indústria e 52% nos serviços. A expressiva presença da força de trabalho na agricultura e nos serviços denota atividades que oferecem baixos rendimentos e se baseiam na informalidade das relações de trabalho³⁹. A atividade industrial apresenta baixo desenvolvimento, a maior parte compõe-se de agroindústrias e fábricas transformadoras de produtos florestais. O destaque paraguaio está na produção de energia elétrica, do qual o país exporta o excedente.

A República do Paraguai é signatária do Tratado de Assunção, que em 1991 formalizou a união aduaneira entre Brasil, Argentina, Uruguai e Paraguai. O Paraguai é o membro de menor expressão do Mercosul, e sua entrada no bloco apresentou certo repúdio entre segmentos dos países-membro em razão dos problemas políticos do país. Contudo, O Paraguai não poderia ser deixado de lado neste acordo, tendo em vista que seu território é “chave” na Bacia Platina (vê-se aí um vestígio da teoria de Mackinder, influenciando a política regional no início da década de 90).

³⁹ Disponível em <https://www.cia.gov/cia/publications/factbook/geos/pa.html>. Acessado em 20 de dezembro de 2008.

Abreu e Florêncio (1998, p.123) citam que no curto período de vida do bloco o Paraguai já havia triplicado sua participação como mercado de destino das exportações brasileiras. O comércio com o Brasil representa muito para a economia paraguaia; porém o Paraguai foi apenas o 27º país na lista dos parceiros do Brasil em 2007, representando apenas 1,03% do destino das exportações brasileiras. As exportações brasileiras para o Paraguai concentram-se nos produtos industrializados, tais como: óleo diesel, adubos ou fertilizantes, pneus, tratores, automóveis (de carga e de passageiros), aparelhos pulverizadores e para colheita, além de calçados e ração animal. Dados do Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior (MDIC), apontam que as exportações paraguayas para o Brasil concentram-se nas *commodities*, tais como milho (76% das exportações do país em 2007), trigo, algodão, soja, carne e couros⁴⁰.

Tabela 2

PARAGUAI: COMÉRCIO EXTERIOR	
Exportações (bens e sv.)	\$5.463 bilhões (2007 est.)
Importações (bens e sv.)	\$6.094 bilhões (2007 est.)
Principais produtos agrícolas	Óleos vegetais, tecidos de algodão, açúcar, bebidas, artigos de couro e eletricidade
Principais indústrias	Açúcar, cimento, têxtil, bebidas, madeira, aço, metalurgia e hidrelétrica
Parceiros comerciais: Exportação	Uruguai 22%
	Brasil 17,2%
	Rússia 11,9%
	Argentina 8,8%
	Chile 6,9%
Parceiros comerciais: Importação	China 27%
	Brasil 20%
	Argentina 13,6%
	Japão 8,7%
	USA 6,4%

Fonte: CIA/Country List/Paraguay.

Contudo, a maior parte da renda do país ainda vem do mercado negro. O Brasil vem há muitos anos tendo prejuízos com o contrabando na fronteira com o Paraguai, cujas mercadorias entram por quatro portas principais: a fronteira seca entre Ponta Porã (MS) e Pedro Juan Caballero numa região de difícil fiscalização; e também por Guairá, Mundo Novo e Foz do Iguaçu. Algumas das principais marcas de cigarros são falsificadas no Paraguai em tabacarias clandestinas pertencentes a personalidades influentes no país, assim como marcas de cervejas, remédios e CD's,

40 Ver em **Boletim de comércio exterior do MERCOSUL. Janeiro de 2008**. Ministério da Fazenda/Secretaria de Assuntos Internacionais.

e que abastecem o mercado informal brasileiro. Calcula-se que cruzem a fronteira entre Brasil e Paraguai, um volume de contrabando na ordem de R\$ 9 bilhões por ano ou mais (Roder, 2002).

Estima-se que as receitas com contrabando de maconha para o Brasil sejam superiores às obtidas das exportações paraguaias de soja. Devido ao frágil controle nas áreas de fronteira, e a extensiva corrupção, o Paraguai tornou-se um canal de transbordo da cocaína produzida nos países andinos, e que se destinam aos mercados do Cone Sul e Europa. O país também serve de base para as atividades de lavagem de dinheiro promovidas por narcotraficantes e contrabandistas.

Garantir a soberania nacional e os objetivos nacionais permanentes, além de combater as organizações criminais mantendo a ordem e assegurando a paz aos cidadãos, são as funções das forças armadas do Paraguai. Contudo sabe-se que em muitos casos de narcotráfico e contrabando há o envolvimento de membros das forças armadas como protagonistas de tais ameaças.

Entretanto, na história das forças armadas do país encontram-se numerosos fatos de heroísmo, a citar na Grande Guerra (1865-70) contra a tríplice aliança formada por Brasil, Argentina e Uruguai; e na Guerra do Chaco (1932-35) contra a Bolívia. Porém, na atualidade, como resultado da falta de implementação de políticas eficientes nesse campo, o Paraguai possui dentre as menores capacidades operativas militares da América do Sul, superior apenas às da Guiana e do Suriname.

A situação dos gastos militares e efetivo das forças armadas do Paraguai é descrita no estudo de Inácio J. Osacar⁴¹ (Ver Tabela 3). O efetivo militar paraguaio é muito baixo mesmo quando comparado aos países da região que se situam em patamar similar, caso de Uruguai com efetivo aproximado de 26 mil homens, de Bolívia com 46 mil, e de Equador com 58 mil. As forças armadas do país além de reduzidas, são desajustadas, pois cerca de 25% do efetivo é composto por oficiais (quando os percentuais na região oscilam entre 5% e 15%); os sub-oficiais perfazem 51%, e o pessoal da tropa modestos 26%. Em outros países, é geralmente na tropa que está grande parte do efetivo.

Segundo Osacar (2007), no Paraguai há um militar para cada 38 km² do território nacional e cada 588 habitantes. Os gastos com o serviço militar nas últimas décadas foram sempre próximos de 1% do PIB, com uma enorme incidência em gastos com pessoal (mantimentos, soldos, retiros, pensões), e praticamente inexistente em reequipamento de material militar. Neste último, a expressão do poder militar do país é quase insignificante, contando com armamentos escassos e antigos de reduzida eficiência.

41 O autor é Coordenador da Comissão de Defesa do Centro de Estudos Nova Maioria (Argentina), e autor do *Balance militar da América do Sul* (2008).

Tabela 3

PARAGUAI: PODER MILITAR	
Forças militares	Efetivos 10.700 homens
	Exército: 7.600
	Armada: 2.000
	F. Aérea: 1.100
Disponibilidade para o serviço militar: homens 18 – 49 anos	1.589.873
Orçamento defesa	US\$ 65 milhões
% PIB	0,8 %

Fonte: Osacar, Inácio J., 2007.

A história de sucesso ou desacertos de uma nação é conduzida à luz da política, entendida como a “*arte de tornar possível o que é necessário*” (O. von Bismarck). No caso paraguaio, percebe-se as mazelas geradas pelo mau uso dessa arte. No período estudado da história do país, a política esteve a serviço dos interesses particulares dos seus atores, que a usaram para conquistar e manter seu poder pessoal, esquecendo-se de sua real missão de promotores dos objetivos nacionais permanentes.

O Paraguai no Cenário Regional

Em termos de utilização política do meio geográfico, dois fatores principais sempre foram considerados – sua extensão e sua posição. O valor da extensão tem peso político quantitativo” [...]. A posição do território tem peso qualitativo que pode ser apreciado por sua localização geodésica, [...], por sua característica de maritimidade ou de continentalidade e por sua localização relativa a outros centros de poder. (MATTOS, 2002, p. 50).

Neste trabalho já foi referida as dificuldades e a importância da localização geográfica do Paraguai. Apesar de sua mediterraneidade, há uma vantagem geoestratégica pelo fato do país fazer fronteira com as duas nações mais importantes da América do Sul (Brasil e Argentina). É fato que ser vizinho dos dois “grandes” gera constantes ameaças de perdas territoriais decorrentes de eventuais expansionismo dos mesmos. Também é constante a preocupação quanto ao “imperialismo econômico” frente aos vizinhos e a situação de dependência econômica do país e até de perda da soberania nacional⁴². Resgatar a soberania nacional é uma das principais metas do atual

42 Cita-se as experiências das empresas binacionais de energia entre Paraguai e Brasil e Argentina. Os intelectuais e membros de movimentos de esquerda, Gustavo Coda e Ricardo Canese, analisam e discutem que os empreendimentos de Itaipu e Yaciretá se constituíram na perda de soberania (territorial e de potencial hídrico) por parte do Paraguai. Criticam que o Paraguai é um sócio que possui 50% de cada empresa, mas não decide seus rumos.

governo paraguaio.

Por outro lado para os dois países mais ricos da região, não é interessante ter um vizinho pobre, pois ele com certeza ira incomodar. E essa é outra implicação; os países ricos serão a alavanca que ajudará o pobre a “sair do buraco”. Exemplos para ilustrar essa situação no caso paraguaio em suas relações com Brasil e Argentina não faltam. As empresas bi-nacionais e o MERCOSUL podem servir de exemplo. Apesar de todas as críticas que a sociedade paraguaia faça acerca dos empreendimentos das Hidrelétricas de Itaipu e Yacyretá, com relação ao custo das obras e os valores pagos pela energia ao Paraguai, fica claro que o país pegou “carona” nestes empreendimentos, do qual não tinha a mínima condição econômica para tal. São inegáveis os benefícios (dinheiro, arrecadação, supervalorização do espaço) que estas obras trouxeram ao país. O valor de mercado da energia hidrelétrica paraguaia, segundo Vesentini (2001), é superior a 400 milhões de dólares anuais. O poder real do Paraguai só fez aumentar a partir da sua aproximação com o Brasil e Argentina. Hoje o país é o único da América do Sul com genuínos excedentes hidrelétricos.

Com os demais países da região, caso de Chile e Uruguai, o Paraguai se apresenta como importante parceiro comercial, principalmente nas exportações de *commodities*. Depois de um acordo comercial em 2006, o Uruguai tornou-se o maior comprador dos produtos agrícolas do Paraguai. Já com a Bolívia, país de pouca expressão econômica, verifica-se um distanciamento nas relações comerciais. E recentemente, com vitória do nacionalista e esquerdista Fernando Lugo, a Venezuela de Hugo Chávez busca afinar relações com o país, no espírito de realização de seu projeto de constituir-se em potência regional.

Mas sua vantagem estratégica deriva do fato de que o pivô geográfico da história da América do Sul ser a área que compreende os territórios da Bolívia e do Paraguai. A história do subcontinente revela isto, quando os paraguaios foram os primeiros a se libertar da dominação espanhola no século XIX, fato que motivou as demais colônias a seguirem o exemplo. O Paraguai também foi o primeiro país a implantar um regime de ditadura militar no continente sul-americano no período da Guerra Fria (de 1954 a 1989); modelo que foi de encontro aos interesses dos Estados Unidos no continente e logo foi implantado nos outros países da região.

Assim, a República do Paraguai, apesar de ter pouca expressão de poder, não pode ser considerada neutra na balança de poder do subcontinente. No contexto da ordem bipolar, houve um estreitamento dos laços com os Estados Unidos, tornando-se o Paraguai num importante centro de inteligência a serviço da *CIA* no monitoramento das ações do comunismo na região (Brasil, Argentina, Uruguai e principalmente no Chile). Em contrapartida, o ditador Stroessner obteve apoio e proteção norte-americana em momentos de crise.

O Paraguai renovou sua aliança com os Estados Unidos ao firmar em 2005 um “acordo de cooperação militar” do qual resultou a instalação de uma base militar estadunidense em território paraguaio. Quais sejam as intenções dos Estados Unidos, este acordo reforçou ainda mais a referida importância geoestratégica do território paraguaio para a região⁴³. Vale lembrar que Mackinder já falava em 1904 que quem se assegurasse da posse da *terra coração*, teria grandes possibilidades de ter o controle do poder regional.

Observa-se que dois elementos importantes (recursos hídricos e localização no *hearthland* da América do Sul) formam o chamado poder latente⁴⁴ do Paraguai, que vinculam o país no contexto político-estratégico de interesse internacional. Assim, apesar de todas as fragilidades na economia, na política e no poder militar paraguaio, a posse dos referidos elementos geoestratégicos representa uma importância ímpar do Paraguai para os países da região.

Considerações Finais

O tema central deste trabalho foi a análise do Estado e do poder nacional da república talvez mais controversa do cenário sul-americano. Ao avaliar a conjuntura do poder da República do Paraguai a partir de 1950, observa-se uma evolução na política e na economia desse país de modo a alterar seu significado regional. Nos últimos sessenta anos o Paraguai passou por transformações em vários campos de expressão do poder nacional do Estado, especialmente nos aspectos populacionais e econômicos, mas principalmente políticos, passando de uma posição de Estado fraco e com reduzida infra-estrutura básica, para um Estado melhor aparelhado e com maior representatividade no cenário regional em consequência de seu potencial energético.

A inserção do Paraguai no Mercosul contribuiu para dar maior dinamismo a economia nacional na década de 1990 e início da atual. O bloco interferiu também na manutenção do regime democrático do país, quando em 1999 os demais países-membros desestimularam um novo golpe de Estado, que só não se concretizou devido à cláusula que determina que apenas Estados democráticos podem participar do Mercosul. Contudo, nesse período da história do Paraguai o crime organizado trouxe grande fragilidade institucional, inclusive jurídica e policial de exercer ações punitivas.

O novo governo que assumiu em 2008 trouxe aos cidadãos a esperança de profundas mudanças, pois alterou um quadro político que perdurava mais de 60 anos. Em seus discursos de

43 Tanto Assunção quanto Washington afirmam ter um acordo para treinamento do exército paraguaio. Mas devido ao porte da Base, analistas especulam fins geopolíticos de monitoramento das ações políticas e domínio dos recursos naturais da região.

44 O poder em potencial é entendido como aquele que provoca a valorização do Estado no contexto regional ou mundial.

campanha eleitoral, Fernando Lugo uniu a esquerda do país em torno da discussão sobre a soberania nacional e a “entrega” que os Colorados fizeram de seu país aos interesses de Brasil e Argentina, especialmente em relação aos acordos para a produção e venda da energia elétrica das usinas de Itaipu e Yacyretá.

Assim, três temas dominam a agenda internacional do atual governo. Primeiro, a renegociação do Tratado de Itaipu. Segundo, o obstáculo à reforma agrária representado pela invasão de parte do território oriental paraguaio por latifundiários brasileiros produtores de soja (iniciada nos anos 70). Terceiro, a compensação pelas assimetrias econômicas existentes no Mercosul e que penalizam os países menores em benefício dos dois maiores sócios desse projeto – Brasil e Argentina.

Mas parece haver consciência no novo governo de que para fazer frente aos desafios da globalização é preciso se agarrar à política de integração regional, rompendo com as barreiras impostas pela geografia e pela sua história de maus governos. Precisar-se-á seguir atraindo investimentos externos para diversificar sua economia e fugir da dependência da exportação de *commodities*; e para isto conta com vasta energia e mão-de-obra abundante e barata, solos férteis e matérias-primas agroindustriais, e mercado consumidor do Mercosul. Porém, a falta de qualificação da mão-de-obra, a instabilidade política, a corrupção nas instituições públicas, a falta de segurança provocada pela violência do crime organizado, e o custo elevado dos transportes até os portos fazem do Paraguai uma área de repulsão de capitais.

A frágil estrutura econômica e o obsoleto poder militar determinam um baixo poder real do Paraguai, refletido em pouco prestígio internacional. Entretanto, a projeção de poder geopolítico deriva também de seu poder latente, representado pela sua posição geoestratégica (*hearthland*) entre o Atlântico e o Pacífico e no centro da bacia platina, que lhe garante a condição de corredor bioceânico e posse de recursos hídricos (excedente hidrelétrico e parcela do aquífero Guarani).

Pode-se considerar que para contrabalançar este baixo poder real (e que também pode ser considerado como poder latente), o Paraguai tenha buscado uma aproximação dos Estados Unidos, iniciada na ditadura de Stroessner e que se fortalece nos governos civis com o acordo de cooperação militar e de instalação da base permanente do exército norte-americano em território paraguaio. Nesse sentido, o Paraguai é um estado extrator (pobre), que conforme a classificação de Therezinha de Castro, poderia ser considerado como uma nação que está no estágio geopolítico infantil.

Não seria um estado marginal, insignificante, de 5º nível, porque se entende que estes não estão presentes na América do Sul. Mas o Paraguai também não tem a capacidade de ditar as diretrizes regionais típicas de um estado de 3º nível; pois apenas participa das decisões de interesse

regional (neste nível estaria o Brasil). Assim, a real posição do poder do estado paraguaio em relação aos países da região é de 4º nível, porque devido ao seu poder latente tem um relacionamento significativo com seus vizinhos, estando sempre envolvido nos debates de interesse regional e ganhando com o passar dos anos uma maior representatividade política.

A República do Paraguai é considerada por muitos analistas como mais um “peão” no tabuleiro regional. Contudo, acresceríamos que é um “peão” de centro; dotado de uma posição e funções de destaque que muitas vezes o colocam ao lado das duas peças mais importantes do jogo, o Rei e a Dama (Brasil e Argentina). No “tabuleiro de xadrez” da América do Sul, o “peão” Paraguai, com seu poder latente, compõe um peso significativo na balança de poder. Assim, sua pouca expressão econômica, política e militar parece ser compensada por sua condição geográfica.

Referências

ABREU, S.; FLORÊNCIO, L. **Mercosul hoje**. São Paulo: Editora Alfa-Omega, 1998.

BARBOSA, A. F. **O mundo globalizado. Política, sociedade e economia**. São Paulo: Editora Contexto, 2008.

Ministério da Fazenda/Secretaria de Assuntos Internacionais. **Boletim de comércio exterior do MERCOSUL**, jan./2008.

BONFIM, U. C. **Introdução ao estudo de Geopolítica**. Curitiba: 2007. S. ed.

CASTRO, T. **Nossa América. Geopolítica comparada**. Rio de Janeiro: Editora Biblioteca do Exército, 1994.

_____. **Atlas de Relações Internacionais**. Rio de Janeiro: Editora IBGE, 1960.

CODAS, G.; CANESE, R. (Org.). **O direito do Paraguai a soberania. A questão da energia elétrica**. São Paulo: Editora Expressão Popular, 2008.

MATTOS, C. M. **Geopolítica e Modernidade**. Rio de Janeiro: Editora Biblioteca do Exército, 2002.

MIRANDA, A. **Los dueños de grandes fortunas**. Assunção: 2000. S. ed.

MOREIRA, A. **Teoria das relações internacionais**. Lisboa: 1999. S. ed.

MOREIRA, M. M. **Poder, Liberdade, Desenvolvimento**. Rio de Janeiro: Editora Tempo Brasileiro, 1980.

NYE, J. JR. **O colosso americano: O paradoxo do poder americano**. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 2002.

OSACAR, I. J. *et alii*. **Balance militar da América do Sul**. Buenos Aires: Editora Nueva

Mayoria, 2008.

Programa de governo do Movimento Popular Tekojoja. Don Bosco Rogo – Py 2006. **O direito do Paraguai a soberania.** São Paulo: Editora Expressão Popular, 2008.

RODER, A. A agenda externa brasileira em face aos ilícitos transnacionais: o contrabando na fronteira entre o Brasil e Paraguai. **Dissertação de mestrado.** Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas/Departamento de Ciência Política. São Paulo, USP, 2004.

SANTOS, M. **Por uma Geografia nova.** São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2002.

VESENTINI, J. W. **Novas Geopolíticas.** São Paulo: Editora Contexto, 2007.

_____. **Geografia crítica. Geografia do mundo subdesenvolvido.** São Paulo: Editora Ática, 2001.

Recebido em 29 de janeiro de 2010.

Aprovado em 11 de março de 2010.